

Cinema e educação: alternativas para desaprender a docência e possibilidades para construir-se como educador

Cine y educación: alternativas para desaprender la docencia y posibilidades para construirse como educador

Cinema and education: alternatives to unlearn the teacher and possibilities to construct itself as educator

Lutiere Dalla Valle

luthiere@terra.com.br

Universidad de Barcelona - UB/BCN/ES - Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS/BR

Reflexões da tese de doutorado em andamento no 'Programa de Doctorado en Artes Visuales y Educación: un enfoque construccionista - BBAA/UB/ES, orientação do professor Fernando Hernández, Universidad de Barcelona, Espanha e co-orientação da professora Marilda O. de Oliveira, Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

Tipo de artigo: Artigo Original

Agradecimentos

À Marilda e ao Fernando, pessoas generosas.

RESUMO

Este texto aborda questões relativas às possibilidades de trabalhar com narrativas cinematográficas a partir da perspectiva dos estudos da cultura visual e do enfoque construccionista na formação inicial de professores de distintas áreas do conhecimento (especialmente nos cursos de licenciatura). A partir das experiências vividas no contexto escolar, percebe-se que algumas mudanças de redirecionamento do olhar (para uma percepção mais crítica, subjetiva, questionadora e transgressora) podem ser desencadeadas a partir de processos de observação e análise de imagens fílmicas que tratam do contexto escolar e, em especial, da representação visual da docência. Amparado por teóricos como Fernando Hernández (2007, 2008), W. J. T. Mitchel (2002, 2005) e Marilda O. de Oliveira (2009), este texto é um convite a pensar outras formas para construir-se como educador.

Palavras-chave: formação de professores; cinema; cultura visual

RESUMEN

Este texto trata de las posibilidades de trabajar con narrativas cinematográficas a partir de la perspectiva de los estudios de la cultura visual y desde el enfoque

construccionista en la formación inicial de maestros y maestras de distintas áreas del conocimiento (especialmente las licenciaturas). A partir de experiencias vividas en el contexto escolar, se perciben algunos cambios en el redireccionamiento de la mirada (hacia una percepción aún más crítica, subjetiva, cuestionadora y transgresora) y que pueden ser desencadenadas a partir de procesos de observación y análisis de imágenes fílmicas que tratan del contexto escolar en especial de la representación visual de la docencia. Amparado por teóricos como Fernando Hernández (2007, 2008), W. J. T. Mitchel (2002, 2005) y Marilda O. de Oliveira (2009), este texto es una invitación a pensar otras formas para construirse como educador.

Palabras-clave: formación de profesores; cine; cultura visual

ABSTRACT

This text approaches relative questions to the possibilities to work with cinematographic narratives from the perspective of the Studies of the Visual Culture and the Constructionist Approach in the initial formation of professors of distinct areas of the knowledge (especially in the pedagogies courses). From some experiences in the pertaining to school context, one perceives that some changes of addressing of the view (for more critical, subjective, questioned and transgressor a perception) can be unchained from processes of comment and analysis of filmic images that deal with pertaining to school context in special, of the visual representation of the teacher. Supported for some theoreticians of the field of the Culture and the cognitive development, this narrative is an invitation to think other forms to construct itself as educator.

Keywords: teacher's formation; cinema; visual culture

INTRODUÇÃO: DESAPRENDER A DOCÊNCIA/CONSTRUIR-SE COMO EDUCADOR

No hace mucho, un profesor me preguntó: ¿Qué cambios querría usted que se produjeran en la educación? Le respondí lo mejor que pude en ese momento pero continué reflexionando sobre su pregunta. Suponiendo que tuviera yo una varita mágica capaz de provocar un solo cambio en nuestros sistemas educativos, ¿cuál sería ese cambio?

Después de pensarlo, decidí que con un toque de mi varita haría que todos los profesores, de todos los niveles, se olvidaran de que son profesores. Les sobrevendría una amnesia total respecto de todas las técnicas de enseñanza que se han esforzado por dominar a través de los años. Se encontrarían con que son absolutamente incapaces de enseñar. A cambio de esta pérdida, adquirirían las actitudes y aptitudes propias del facilitador del aprendizaje: autenticidad, capacidad para valorar y empatía.

(Carl Rogers)

O que me moveu a escrever este texto foi a necessidade de promover uma discussão a partir de algumas idéias que venho estudando nos últimos anos no campo da educação e das representações visuais que cercam professores e professoras no cenário contemporâneo. Contudo, ao situar alguns dos itinerários que tenho percorrido como docente e “catador da cultura visual” (termo utilizado por HERNÁNDEZ, 2007), acredito ser relevante explicitar onde me coloco como investigador, qual a posição que ocupo como professor e quais são as vozes que pretendo tornar visíveis ao construir este artigo.

Assim sendo, me insiro neste contexto a partir de uma perspectiva construcionista (que propõe pensar o mundo, seus significados e representações a partir das relações entre seus interlocutores, de intercâmbios sociais e culturais e de tensões, instabilidades e relações dialógicas) onde busco incorporar em meu discurso outra forma de pensar e investi-

gar a docência, levando em consideração a necessidade de reconceituar o papel da educação no panorama atual, com especial atenção ao papel docente. Estudar o que está no “entre” o ensinar e o aprender, nos “meios” que permeiam a ação dos professores e professoras junto aos estudantes a partir dos seus percursos durante os anos de formação inicial é um dos pontos que pretendo problematizar. Para tanto, o meio que utilizei para refletir, sugerir idéias, e talvez, apontar alternativas, será o cinema; como ponto de partida, como um começo, como um fio condutor para pensar as relações que podem ser construídas ao colocar as narrativas filmicas como artefato cultural a ser compreendido por aqueles que o observam.

Neste sentido, pensando o cinema como um dispositivo (CASTRO, 2009), utilizando o conceito de dispositivo a partir de Foucault, dispositivo como uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear composto por linhas de natureza diferente e com diferentes direções, interessam-me saber como o cinema aborda questões identitárias (referentes ao professor e professora) e também como professores e professoras se percebem a si mesmos frente o cenário que é apresentado. Desta forma, questionar quem se beneficia com estas representações e quais são as relações de poder que cercam as formas de ser, atuar e comportar-se como docente no cinema, são estratégias visuais que servem para incitar um posicionamento crítico.

Assim como Hernández (2010) também acredito que “não vemos uma película, mas a narramos”, isto é, nos aproximamos dela, nos reconhecemos nela, enxergamos nossas histórias nestas histórias, ativamos a nossa “voz interior” que nos conta fatos, emite juízos de valor, nos redireciona, ativa outros sentimentos, contrapõe/justapõe imagens, conecta a memórias, e ao final da projeção, já temos construída, em cada um de nós uma outra narrativa, de acordo com o olho “cultural” que temos, próprio de cada contexto e período histórico.

Assim, o cinema como ferramenta, via de acesso ou ainda, reflexo de um determinado traço de uma problemática atual dentro deste contexto, se coloca como obra de análise, de aproximação, de inquietação e que propõe a pensar sobre “aquilo que vemos de nós mesmos nestas imagens” (Her-

nández, no prelo), ou seja, pensar sobre o que vemos, como vemos e porque vemos desta maneira e não de outra.

Subsidiado pela proposição “desaprender para aprender desde outro lugar” idealizado por Adriana Fresquet (2007), da mesma maneira é o que proponho neste trabalho: através das imagens fílmicas que representam a docência, examinar os efeitos que estas imagens exercem sobre os processos de subjetivação e construção da docência por meio de atividades que privilegiem um olhar diferenciado, que vá além da simples observação e promova o questionamento frente ao que se apresenta como correto e verdadeiro.

Além disso, pensar sobre como estas formas “coletivas” de ver constroem maneiras de compreender o mundo e que definem como devemos comportar-nos, a pensar sobre o que está instituído; o “como” deve ser o professor, me parece uma questão chave para propormos outras possibilidades de formação. Neste sentido, ao tratar dos processos de subjetivação que podem ser proporcionados a partir do trabalho com imagens oriundas do cinema, o conceito de subjetividade neste contexto, está de acordo com o que defende Fernando Hernández (2010) que diz que a “subjetividade consiste na possibilidade de inventarmos a nós mesmos diante dos determinismos da identidade”, ou seja, para além da identidade (que responde ao pensamento dominante e que não oferece espaço para dialogar com processos identitários distintivos) questionar os sistemas de pensamento hegemônico impregnados do sentimento de naturalização que impede outras formas de formar-se pode ser uma possibilidade em tempos de mudanças e incertezas.

O CINEMA COMO UM PONTO DE PARTIDA

Tomando o imaginário construído acerca da docência a partir de múltiplas leituras e visões de mundo e as possibilidades de diálogo, creio que as imagens fílmicas também sob este enfoque inter e transdisciplinário podem despertar outros olhares, além daqueles já naturalizados.

Creio ainda que, a multiplicidade de vozes que podem ser valorizadas em uma mesma narrativa, o que configura um

caráter polifônico entre as imagens, trazem à tona distintas maneiras de inventar-se como educador e educadora.

É fato que muitas das películas já produzidas pelo cinema (especialmente as produções norte-americanas) que apresentam como enredo a vida de algum professor ou professora em um determinado contexto escolar e que, no decorrer da narrativa, promove profundas mudanças, sejam grandes difusores de “modelos” éticos e morais de ser professor. Na maioria das vezes, estas histórias plasmadas na tela, acabam por difundir e reforçar determinados conceitos e idéias a respeito do professor ou professora. É muito comum vermos representações visuais de professores benevolentes, envolvidos com fatos heróicos, como agentes transformadores de uma sociedade caótica, como “salvadores”. Igualmente, o pensamento moral e religioso que trata da profissão docente como “dádiva divina”, como um projeto social e de “doação” e que prevalece e se sobrepõe à família e à própria vida pessoal do educador é uma constante em grande parte das narrativas fílmicas. Salvo algumas poucas exceções, principalmente do chamado “cinema independente” que abrange produções oriundas de outros países, que não os Estados Unidos e que, em alguns casos, buscam ir contra a homogeneização do cinema que vivemos atualmente. A exemplo, podemos tomar o filme francês “Entre os Muros da Escola” (Entre les Murs, FR, 2008, Laurent Cantet) que parece abordar a questão desde outro enfoque, revelando os fracassos de um professor frente à não sustentação de um sistema que se repete em muitos países do ocidente. Ou ainda, o filme “Half Nelson” (Half Nelson, EUA, 2006, Ryan Fleck) que narra o cotidiano de um jovem professor usuário de drogas e que acaba por desapontar uma de suas alunas por não preencher “aquilo que se espera de um professor”.

Em contrapartida, filmes com grande aceitação por parte de diversos públicos, como “Sociedade dos Poetas Mortos” (Dead Poets Society, EUA, 1989, Peter Weir), “Escritores da Liberdade” (Freedom Writers, EUA, 2007, Richard LaGravenese), “O Sorriso de Monalisa” (Mona Lisa Smile, EUA, 2003, Mike Newell), “Mentes Perigosas” (Dangerous Minds, EUA, 1995, John Smith), dentre outros, continuam a reforçar alguns estereótipos que foram criados há alguns séculos para dar sustentação à um contexto social que não mais existe.

Vários encontros, congressos e seminários sobre o campo educativo que participei utilizaram, em algum momento, um vídeo motivacional apresentando o professor ou professora como um ser virtuoso e a docência como “a mais bela das profissões” recorrendo a fragmentos de filmes como os últimos exemplos acima citados.

Assim sendo, o fragmento de Carl Rogers ao princípio do texto, introduz um dos focos abordados neste texto: descobrir alternativas para “desconstruir verdades”, “desaprender” sobre a docência, para pensar sobre os processos sociais e culturais de circulação e sustentação de estereótipos presentes em diferentes contextos sociais, e que, inevitavelmente, contribuem com as situações de conflito promovidas em nossa contemporaneidade no campo educativo. Verdades que ouvimos desde “sempre”, conceitos que naturalizamos e que nos apresentam a docência como uma missão religiosa que se propõe a revelar a verdade àqueles que se encontram na ignorância. Verdades que colocam o professor ou professora como única fonte do saber dentro da sala de aula e que tem a tarefa de “lapidar a pedra bruta para extrair o diamante”, como se os estudantes dependessem exclusivamente da intervenção de um docente para poderem se desenvolver. Ideário este que também vai ao encontro do que alguns dos mais renomados teóricos e estudiosos da educação vêm debruçando-se e promovendo rigorosos debates.

Autores como Fernando Hernández (1998, 2000, 2007, 2008, 2010), Kerry Freedman (2006), Juana Sancho (2006), dentre outros, há tempos defendem a necessidade urgente em reconceituar tanto o papel da docência quanto da escola em nossa contemporaneidade. Desde os processos de formação inicial até a própria estrutura física das instituições que contribuem para que as pessoas continuem isoladas, planejando sozinhas, separando os estudantes por idades e desempenho acadêmico, selecionando conteúdos em detrimento de outros, o papel da escola deste tempo deverá ser outro: deverá oferecer oportunidade para as pessoas possam se agrupar, onde se possam descentralizar os saberes, onde professores possam mediar a construção dos conhecimentos, onde as perguntas dos estudantes sejam premissas para pensar o currículo, e finalmente, onde cada um e cada

uma possa construir-se a partir de distintas possibilidades e perspectivas.

Desta forma, acredito ser de extrema importância pensar sobre a docência como uma via de intenso trânsito e que necessita reconceituar suas fundamentações históricas e sociológicas para poder lograr algum sentido frente ao complexo contexto que temos atualmente. Não somente no que concerne às suas representações e imaginários construídos historicamente, mas também, e talvez como ponto de partida, lançar olhares mais atentos aos processos formativos durante a formação inicial dos docentes. Verdades inventadas desde “sempre” sobre a docência que merecem ganhar um destacado espaço quando tratamos da formação de professores.

A partir de minha experiência de trabalho como coordenador pedagógico com um grupo de professores de distintas áreas do conhecimento em uma instituição privada de ensino fundamental e médio, percebo que questões relativas às imagens construídas durante séculos a respeito do “ser professor” exercem grande influência nas relações de aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Este embate entre as representações que se acercam dos professores e sua influência nos processos de construção de conhecimentos no campo das artes visuais foi a temática principal abordada em minha pesquisa de mestrado em educação (VALLE, 2008), onde pude refletir e analisar estas confluências. A partir daí, ouvindo professoras de “educação artística”¹ em escolas públicas e privadas, foi possível constatar tamanha é a força que exercem determinados estereótipos e pré-conceitos em relação ao profissional das artes. Ideário que remete a uma narrativa discursiva que tem por objetivo fixar posições e induzir a pensar de acordo com uma série de “verdades” já estabelecidas e aceitas como única alter-

¹Embora a nomenclatura utilizada no Brasil seja Professor de Artes muitas escolas ainda fazem referência a disciplina como Educação Artística. O termo Educação Artística, adotado nos anos 70 pelo governo federal onde, durante apenas 2 anos de preparação, o professor ou professora de educação artística estaria apto a trabalhar com música, teatro, dança, artes visuais, desenho, história da arte e desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo, da 1ª à 8ª série do Ensino Fundamental e algumas séries do Ensino Médio. Atualmente, na LDB (5692/96) aparece o termo Ensino da Arte, contemplando o professor especialista em áreas específicas como artes visuais, cênicas, música e dança.

nativa. Entretanto, nesta abordagem, o objetivo é ir além da esfera artística e percorrer outros campos disciplinares.

Desta forma, quando proponho uma reflexão sobre a docência para dialogar com as diferentes áreas, defendo que é necessário buscar formas de agrupar, aproximar as áreas justamente nos processos iniciais de formação de professores, onde os diálogos sejam constantes da mesma maneira que as possibilidades de reinventar-se a partir de saberes compartilhados de forma colaborativa. Defendo esta ideia, pois, pude perceber as significativas mudanças que obtivemos na instituição em que atuo a partir das atividades que foram desenvolvidas subsidiadas por narrativas fílmicas. Verificou-se que as reflexões e abordagens que surgiram após algumas sessões de projeção cinematográfica de fragmentos fílmicos acerca da docência serviram como ponto de partida para abordar distintas situações do cotidiano escolar e que necessitavam ser repensadas. Os relatos com os quais tive contato após estas discussões, apresentam evidências de que o efeito que estas imagens exercem sobre o imaginário coletivo dos docentes desperta a abertura para outras percepções, a pensar outros rumos que talvez não tivessem o mesmo efeito se fossem textos escritos. Em um breve exercício desenvolvido com um grupo de cerca de 30 docentes das séries finais do ensino fundamental e do ensino médio de distintas áreas do conhecimento, reunidos em grupos menores e a partir de perguntas que eles mesmos elaboraram, apontou inúmeras possibilidades de aproximação com estas narrativas visuais que foram potencializadas e reverteram em reflexões significativas.

Por conseguinte, é sobre estas e outras questões que tenho me movido nos últimos anos como educador e pesquisador da educação e dos estudos da cultura visual: tenho partido de imagens que são veiculadas pelo cinema e pela mídia acerca dos professores para estudar suas implicações no âmbito educativo e os reflexos que continuam sustentando determinadas formas de pensar e relacionar-se com processos de subjetivação, e da mesma forma, utilizar estes mecanismos visuais para convidar professores e professoras a refletir sobre as conseqüências deste ideário nos processos de construção de conhecimentos e nas relações sociais que permeiam o ambiente escolar.

Para que seja possível construirmos uma narrativa na escola onde a “autenticidade, capacidade para valorizar e empatia” sugeridos por Rogers (que realmente valorize todas as vozes, que não siga a linearidade do pensamento e, muito menos, a centralização do saber no professor ou professora) talvez seja indispensável voltar-nos especialmente ao docente que está em processo de construção.

Neste sentido, além de adentrar no universo cinematográfico para investigar que tipos de narrativas fílmicas estão sendo construídas e distribuídas acerca de professores e professoras, juntamente com grupos de docentes questionar os distintos “modos de ver” que participam de nosso entorno social e cultural, podem servir-nos como elementos dispostivos para desencadear reflexões mais amplas ao entorno da questão de qual é o papel do professor contemporâneo e quais são os giros necessários para conseguirmos transformar o sistema educativo que temos.

De acordo com Rogers, também compartilho da ideia de que se fosse possível esquecermo-nos de algumas formas de “ser” ou “tornar-se” professor a partir de alguns moldes, talvez, pudéssemos ter uma educação mais humanizadora e de acordo com o “nosso tempo”; mais crítica e que valorizasse todas as formas de “ser” e “estar” no mundo, como defende o Professor Fernando Hernández.

As significativas transformações que se observam no campo das visualidades presentes em nosso cotidiano assim como a influência dos recentes dispositivos e aparatos tecnológicos que respondem a uma seqüência de produção, distribuição e recepção e também, as relações estabelecidas com estas imagens, o cinema emerge como uma forte alternativa pedagógica. É através de sua fácil aceitação e naturalização que poderemos problematizar os “intervalos” que existem entre a docência e seu contexto de atuação, ou seja, subsidiados por “modos de ser” professor e professora plasmados na tela para criar formas significativas e críticas de subjetivação.

Neste sentido, “desaprender” a ser professor e professora, reconceituar os espaços formativos e as próprias experiências pedagógicas exigem também um redirecionamento do olhar, para que realmente possam acontecer formas distintas de aprender e o desenvolvimento de experiências

significativas de aprendizagem entre os aprendizes e o professorado.

Portanto, tomando como referência algumas idéias de Marilda O. de Oliveira (2009) sobre a necessidade de estudar os “meios” que cercam imagens e objetos em relação aos discursos produzidos ao seu entorno, da mesma forma, neste contexto propõe-se abordar algumas narrativas fílmicas.

Hoje, o que nos interessa são os intervalos, os interstícios, é o que está entre, os discursos que se produzem ou produziram em torno do objeto, os dispositivos que esta obra/imagem pode lançar, as formas de subjetividade que esta obra/imagem gera. Assim, a pergunta hoje seria: o que esta imagem/obra diz de mim? (OLIVEIRA, 2009: 77)

Relacionando este pensamento ao que nos propõe Mitchell (2005) sobre as imagens, “o que as imagens realmente querem?” sob a luz dos estudos da cultura visual, possibilita-nos inúmeros enfoques e abordagens acerca da formação subjetiva.

A cultura visual, tida como campo “adisciplinar” e que se nutre de tantas outras disciplinas (sociologia, filosofia, antropologia, psicologia, estudos sobre cinema, história da arte, estudos sobre cultura, etc.) é sem dúvida uma forte possibilidade para abordar estas e outras questões da atualidade, pois, de acordo com Fernando Hernández (no prelo), esta abordagem trata especialmente daquilo que nos cerca diariamente e que participa dos nossos processos de construção identitária.

(...) entre otras referencias disciplinares, que pone el énfasis no tanto en la lectura de las imágenes como en las posiciones subjetivas que producen las imágenes (sus efectos en los sujetos visualizadores). Esto significa considerar que las imágenes y otras representaciones visuales son portadoras y mediadoras de significados y posiciones discursivas que contribuyen a pensar el mundo y a pensar-nos a nosotros mismos como sujetos y que, en suma, fijan la realidad de cómo mirar y los

efectos que tienen en cada uno al ser mirados por esas imágenes. (HERNÁNDEZ, no prelo: 2)

Partindo da idéia de que tudo aquilo que vemos está impregnado de sentido, significados desde o contexto social e de relações de poder dentro de determinada cultura, as produções audiovisuais (no contexto deste texto) podem ser entendidas como uma espécie de guarda-chuva que abrange um grande número de elementos culturais e artefatos visuais que abarcam também

questões culturais e biográficas, “modos de ver” e relacionar-se com a esfera social da vida cotidiana, pois, a todo momento somos interpelados por signos e significados criados pelo cinema.

Desde esta posición se nos invita a pensar de forma crítica el momento histórico en el que vivimos y revisar las miradas con las que hemos construido los relatos sobre otras épocas a partir de sus representaciones visuales. Por último, –y por ahora–, la cultura visual aparece como una referencia para situar una serie de debates y metodologías, no sólo sobre la visión y la imagen, sino las formas culturales e históricas de visualidad. (HERNÁNDEZ, no prelo: 3)

Assim sendo, esta perspectiva sugerida por Fernando Hernández (no prelo) questiona as visões de mundo no que diz respeito às relações de poder. Poder entendido como “pensamento hegemônico, naturalização da realidade, grupos dominantes que se apropriam e que decidem como as coisas devem ser e como devemos ver, entender e nos comportar diante deste mundo” (p.7), e que, inevitavelmente, interferem na forma como agimos e nos construímos como sujeitos.

Questionar os modos de ver vai ao encontro do que fundamenta a perspectiva dos estudos da cultura visual: tratar da construção do conhecimento a partir de saberes híbridos como os percursos “rizomáticos” sugeridos por Deleuze e Guattari (1995) que se ramificam, estabelecendo conexões, mesclando-se e produzindo novas relações com o saber. Promovem o questionamento e a pensar não somente so-

bre aquilo que é “visto”, mas aquilo que entende e percebe de si mesmo nesta relação estabelecida.

Assim que, somos o que somos, agimos como agimos, porque somos seres culturais. Isso significa dizer que, ver é uma prática cultural que transcende a fisiologia da visão, assim como os objetos ritualísticos, simbólicos tem valor enquanto mediadores de práticas e experiências culturais. (OLIVEIRA, 2009: 78)

Utilizando as perguntas que Fernando Hernández (no prelo) nos sugere quando nos aproximamos da perspectiva dos estudos da cultura visual: “¿Qué veo de mí en esta representación visual? ¿Qué dice esta imagen de mí? ¿cómo esa representación contribuye a mi construcción identitaria –como manera de mirarme y mirar el mundo?” significa adotar uma posição crítica e subversiva frente ao mundo que está posto, isto é, questionar de onde procedem as idéias e que posições identitárias estão sendo construídas e difundidas. No contexto deste artigo, as produções cinematográficas encaradas como dispositivos para desenvolver alternativas para acercar-se da questão docente vai ao encontro do que diz Marilda O. de Oliveira (2009, p.78) “não é somente o que eu olho, o que eu vejo”, pois, propõe dialogar com as próprias concepções e visões de mundo e a perceber criticamente as representações visuais que são apresentadas.

Fernando Hernández (2007) nos fala sobre conceitos pos-modernos que emergem dos lugares interculturais, intra-culturais e transculturais onde a potencialização das capacidades de visualização dos aprendizes, contribui de maneira significativa para o desenvolvimento da compreensão das experiências visuais que experimenta diariamente e os impactos sobre o comportamento. Neste contexto e tomando como ponto o cinema,

os estudos da cultura visual nos permitem a aproximação com essas novas realidades a partir de uma perspectiva de reconstrução das próprias referências culturais e das maneiras das crianças, jovens, famílias e educadores olharem (-se) e serem olhados. Reconstrução não somente de caráter histórico, mas a partir do momento presente, mediante o

trabalho de campo ou a análise e a criação de textos e imagens. Reconstrução que dá ênfase à função mediadora das subjetividades e das relações, às formas de representação e à produção de novos saberes acerca destas realidades. (HERNÁNDEZ, 2007: 37).

Subsidiar-se em ações de participação e colaboração, promovendo a partilha de saberes e de diálogo com as distintas identidades, configuram-se como caminhos possíveis para que docentes em processo formativo inicial possam construir-se a partir das relações com o outro, pensando a alteridade como importante referência e a experiência de participação e colaboração nestes processos.

Fullan e Hargreaves (2000) nos chamam a atenção para refletirmos sobre a docência como um processo em constante transformação diante da complexidade de formas, posturas e corporeidades presentes dentro de uma sala de aula, dando especial ênfase a idéia de “microcosmos da sociedade” e dos conflitos existenciais característicos do mundo contemporâneo. Desta forma, reconceituar nossos espaços educativos parece ser uma das alternativas que mais se aproxima ao “giro” proposto por autores como Fernando Hernández (2008): onde a escola valorize todas as “vozes”, tempos e espaços distintos onde cada um e cada uma possam encontrar o seu espaço para aprender.

A proposta de “reaprender” a partir de outros posicionamentos e de idéias “desaprendidas” defendida por Adriana Fresquet (2007) em relação às imagens construídas pelo cinema, no livro “Imagens do desaprender”, nos convida a “esquecer o aprendido” para reiniciarmos nossa caminhada. Nos convida a visitar nossas crenças, nossas “verdades”, a nos deslocar e assumirmos uma postura cada vez mais crítica e insatisfeita frente às inúmeras situações cotidianas:

Desaprender é algo mais que aprender coisas opostas sobre um mesmo tema, assunto, valor, questão da vida. Desaprender pode até indicar, erradamente, a idéia de esquecer o aprendido. Porém, o seu significado e intenção é exatamente o contrário. Tal é a força da irreversibilidade da aprendizagem, que desaprender significa fundamentalmente ‘lem-

brar' as coisas aprendidas que querem ser desaprendidas. Desaprender é aprender a não querê-las mais para si; a não outorgar mais o estatuto de verdade, de sentido ou de interesse. Verdade aprendida com outros, desde sempre, adquire valor de inquestionável. Desaprender é animar-se a questionar tais verdades. Desaprender é, também, fazer o esforço de conscientizar todo o vivido na contramão, evocando o impacto histórico e emocional que teve aquela aprendizagem que hoje deseja ser modificada (FRESQUET, 2007: 49).

Existe uma “maneira de ser professor” que faz com que o “giro” necessário na escola não aconteça. O sistema vigente criado para responder aos reclames do mercado de trabalho e sua função de disciplinar os corpos continua fortemente arraigado, por mais que tenhamos muitas iniciativas interessantes e de acordo com o que aqui defendemos. Entretanto, ainda persistem os mecanismos de defesa e de resistência por parte dos professores e das professoras, os/as quais percebem a mudança como algo ameaçador, de cunho negativo. A própria perspectiva de conflito não é vista com bons olhos, visto que a idéia que permanece na escola é que tudo deve permanecer inalterado, sob controle e conforme o programa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INCONCLUSAS

Desaprender (retomando o sentido sugerido por Adriana Fresquet, 2007, 2010) não quer dizer abandonar nossa história e valorizar somente nossa condição atual, mas num sentido mais amplo, significa tomar outras vias de acesso, outros caminhos que melhor respondam as nossas angústias contemporâneas, que ofereçam subsídios para melhor compreendermos nossa cotidianidade e relações sociais. Que possamos adotar posturas menos rígidas e mais flexíveis e abrangentes. Experimentar outras formas de ensinar e de aprender. Permitir-se. Autorizar-se.

Este conceito de “desaprender” a docência supõe voltar atrás, retomar o caminho, tomar atalhos, fazer outros movimentos, “atravessar” as vias, ir e voltar quantas vezes forem

necessário. É também reinventar o mundo e a si mesmo: perceber-se como sujeito que se constrói e que se modifica conforme o entorno, conforme o mundo. É redefinir o foco do olhar, mudar de ângulo, mexer no zoom. Além disso, no campo imagético, significa ir além do simples olhar, mas “ver” as tensões, as relações, os contextos de produção, perceber as relações de poder, culturais e sociais que selecionam determinadas representações visuais e não outras, e em que sentido somos afetados por estas “visualidades”.

Que possamos, portanto, adotar uma postura crítica impulsionada pelo desejo de criar espaços e alternativas para aprender sobre o mundo a partir do diálogo com o outro, a partir das imagens fílmicas que vemos plasmadas na tela, reconhecer-se pelas diferenças, a pensar o ambiente de formação inicial da docência como possibilidade de exercitar o olhar crítico e transformador, principalmente, a refletir sobre os papéis que ocupamos em nossa cotidianidade.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, E. (2009). Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. São Paulo: Autêntica.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1995). Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro: Ed.34.
- FREEDMAN, K. (2006). Enseñar la Cultura Visual: curriculum, estética y la vida social del arte. Barcelona: Octaedro Ediciones.
- FRESQUET, A. (2010). O projeto CINEAD: berço da escola de cinema do CAP/UFRJ e outros inventos e pretextos para o encontro entre cinema e educação. In: LOBO, Roberta (Org.). Crítica da imagem e educação: reflexões sobre a contemporaneidade. Rio de Janeiro: EPSJV.
- FRESQUET, A. (2007). Imagens do desaprender: uma experiência de aprender com o cinema. Rio de Janeiro, UFRJ.
- FULLAN, M. e HARGREAVES, A. (2000). A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade. Porto Alegre: ArtMed.
- HERNÁNDEZ, F. (2010). Conferencia en Uruguay, <http://www.youtube.com/watch?v=sRAPtOITHFU&feature=related>, acessado em 29 de junho de 2010.
- HERNÁNDEZ, F. (no prelo). La cultura visual como invitación a la deslocalización de la mirada y reposicionamiento del sujeto.
- HERNÁNDEZ, F. (2008). La investigación basada en las artes. propuestas para repensar la investigación en educación. *Educatio Siglo XXI*, 26, pp. 85-118.
- HERNÁNDEZ, F. (2007). Catadores da Cultura Visual: uma proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação.

HERNÁNDEZ, F. (2000). Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed.

HERNÁNDEZ, F. (1998). Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas.

MITCHEL, W. J. T. (2005). What do Pictures Want? The Lives and Loves of Images. Chicago IL: U. of Chicago.

MITCHEL, W. J. T. (2002). Showing seeing: a critique of visual culture. Journal of visual culture vol 1(2). London: SAGE Publications, p. 165 – 181.

OLIVEIRA, M. O. de. (2009). Estudo da cultura visual no campo da formação em artes visuais. VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB. Brasília, v. 8 n.º 1, p.76-81, janeiro/junho.

ROGERS, C. (2010). <http://www.uhu.es/cine.educacion/didactica/0011educpermanente.htm>, acessado em 29 de junho de 2010.

SANCHO, J. M; e HERNÁNDEZ, F. (2006). Tecnologias para transformar a educação. Porto Alegre: ArtMed.

VALLE, L. D. (2008). As representações sociais do professor de artes visuais no ensino médio e sua relação com a construção do conhecimento artístico do aluno. Dissertação de Mestrado/ UFSM.

Filmografia:

ENTRE os muros da escola “Entre les murs”. Direção: Laurent Cantet. Produção: Caroline Benjo e Carole Scotta. Roteiro: Laurent Cantet e Françoise Bégaudeau (livro); Imovision, 2008. 128min, França.

ESCRITORES da liberdade “freedom writers”. Direção: Richard LaGravenese. Produção: Richard LaGravenese. Roteiro: Richard LaGravenese; Paramount Pictures, 2007.123 min, Estados Unidos/Alemanha.

HALF nelson “half nelson”. Direção: Anna Boden e Ryan Fleck. Produção: Anna Boden e Ryan Fleck. Roteiro: Ryan Fleck; Hounting Lane Films, 2006. 106min, Estados Unidos.

MENTES perigosas “dangerous mind”. Direção: John N. Smith. Produção: Roteiro: LouAnne Johnson e Ronald Bass; Holywood Pictures, 1995. 99min. Estados Unidos.

SOCIEDADE dos poetas mortos, “dead poets society”. Direção: Peter Weir. Produção: Peter Weir. Roteiro: Tom Schulman; Silver Screen Partners IV e Touchstone Pictures, 1989. 128 min, Estados Unidos.

SORRISO de monalisa “mona lisa smile”. Direção: Mike Newell. Produção: Columbia Pictures Corporation, Revolution Studios, Red Om Films. Roteiro: Lawrence Konner, Mark Rosenthal; Columbia Pictures Corporation, 2003; 117min Estados Unidos.